



### ADAPTAÇÃO LITERÁRIA: *CASA GRANDE E SENZALA* E PERTINÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DO LEITORADO CONTEMPORÂNEO

Raylene Lima Santos Nunes<sup>1</sup>

**Eixo temático: 12; Estudos da linguagem**

**Resumo:** Esta pesquisa de natureza bibliográfica estuda o processo de transformação da obra literária *Casa grande e senzala* em literatura em quadrinhos. Este artigo propõe discutir a relevância da leitura, bem como discutir inserção de adaptação quadrinística no âmbito do leitorado contemporâneo. Para tanto se espera que por meio da abordagem feita, os quadrinhos possam ser trabalhados em uma nova dimensão e que os paradigmas arcaizantes, resultados de uma manifestação endêmica da falta de cultura sejam rompidos para que esta leitura possa fazer parte da realidade do leitor contemporâneo. Para embasamento do trabalho utilizei os seguintes teóricos: Pinto, Freyre, Lígia Cadermatori, Patrícia Pina, Paulo Ramos, McCloud, Vera Teixeira de Aguiar, Vergueiro, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, linguagem, quadrinhos.

**Resumen:** Esta investigación estudia la literatura de la transformación de la naturaleza de los Maestros Casa literarios y los esclavos en la literatura en los cómics. Este artículo tiene como objetivo discutir la importancia de leer y discutir la integración de la adaptación dentro de quadrinística los lectores contemporáneos. Para ello se espera que a través del enfoque adoptado, el cómic se puede trabajar en una nueva dimensión y que los paradigmas arcaicos, los resultados de una manifestación de la falta endémica de la cultura están rotas para que esta lectura puede ser parte de la realidad del lector contemporáneo. En el sótano de la obra teórico utilizado los siguientes: Pinto, Freyre, Ligia Cadermatori, Patrícia Piña, Pablo Ramos, Scott McCloud, Vera Teixeira de Aguiar entre otros.

**PALABRAS CLAVE:** lectura, lenguaje, historietas.

Ler é bem mais que decifrar caracteres impressos em preto na página branca. Ler é dirigir os olhos, o corpo e a alma a um texto – seja ele uma tessitura de palavras, seja uma escultura, uma pintura, a expressão facial ou corporal de uma pessoa, um prédio, uma praça, uma vitrine, um filme, um grafite no muro da escola – e começar a namorá-lo, acercar-se, apropriar-se dele, inventando sentidos e significância. Esse trânsito implica desejo, como em qualquer namoro. Tal desejo, impulso em direção a uma alteridade que nos provoca e nos faz perceber nossa incompletude permanente, não é natural, é produto das práticas culturais que nos formam e com as quais interagimos cotidianamente. (PINA, 2012,p.19)

O ato de leitura por muito tempo foi tido como uma realidade distante para muita gente, uma vez que ler somente era possível aquelas pessoas que tinham táticas e competências específicas para desenvolver a leitura. Contraditoriamente a tudo isso a epígrafe acima vem nos revelar que a leitura transcende a leitura da palavra, neste caso ler é adentrar em campos férteis e pode ser desenvolvido até mesmo cotidianamente. O ato de ler pressupõe o suscitar de desejo, a elevação do sujeito a se inscrever no mundo no ato de interação com o outro.

Mas é claro que para além da leitura de mundo, a leitura da palavra é também imprescindível para a formação do “leitor”, principalmente quando este consegue articular essas duas leituras. Dessa forma é sair do enclausuramento, do monótono, da restrição e permitir dialogar com vários saberes.

Durante todo o período colonial brasileiro, a escrita e a leitura foram excluídas, por ações metropolitanas, da nossa vida cotidiana. Com a vinda Família Real, em 1808, esse cenário muda obrigatoriamente e os impressos começam a circular, mesmo com imensa escassez de leitores. Vários aspectos culturais do Brasil Colônia e do Brasil Império são representados por Gilberto Freyre em seu estudo *Casa grande & senzala*, sem que seja dado grande destaque aos altos índices nacionais de analfabetismo. Tal “ausência” nos remete à naturalidade com que essa falta é tratada no país, ainda no século XX.

No entanto, é possível entendermos que a heterogeneidade e a fragilidade do leitorado brasileiro são sentidas pelos intelectuais da época, pois se voltam para a construção de estratégias de aproximação entre obras canônicas e leitores

comuns, dentre as quais se destacam as adaptações literárias para TV, cinema e quadrinhos.

Entretanto há que se ter um cuidado para distinção entre obra fonte e adaptação, esta segunda “...é um tipo de obra que tem por finalidade representar outra obra preexistente” (ZENI,2009,p.129). Dessa forma adaptação não deve ser confundida com a obra fonte há entre elas uma relação de semelhança e não cópia.

Principalmente ao que diz respeito à adaptação quadrinística ela tem seu valor próprio “...como arte autônoma e não a sombra da produção original” (ZENI,2009,p.127).

É louvável que os quadrinhos sejam reconhecidos como arte autônoma pelos vários estudiosos desse gênero e que esses estão conseguindo difundir essa ideia, já que ainda hoje os quadrinhos são vistos discriminadamente até mesmo no âmbito universitário.

Perdurou por muito e ainda hoje há uma concepção errônea de que a leitura de quadrinhos atende especificamente a necessidade do público infantil, visto que há muitas imagens que facilitam a compreensão. Entretanto esse tipo de afirmação não tem mais como ser sustentada, pois na verdade os “[...] quadrinhos são uma linguagem secreta à parte, e dominá-la apresenta desafios diversos dos enfrentados por qualquer prosador, ilustrador ou outros profissionais de criação”. (MCCLLOUD, 2008,p.2). Como já vimos ele reúne uma gama de elementos que o torna uma produção emblemática.

E a autora Ligia Cademartori discorre muito bem acerca desse processo de adaptação:

Adaptar, por sua vez, tem raiz na ideia de aproximação. Sendo assim, quando comparadas com o original, uma adaptação e uma tradução formam, de certo modo, um fracasso. Por que, então, se ressalta a importância e o prestígio delas? Porque é exatamente nessa diferença em relação ao original que se insere a inventividade do tradutor e do adaptador, para produzir a recriação que transforma um texto em outro com força própria. (CADEMARTORI, 2009, p.68-69)

Perante a falada autora, fica evidenciado que a adaptação tenta se aproximar da obra fonte ao mesmo tempo em que busca manter características independentes,

talvez sejam tais traços que favoreçam o prestígio das adaptações, fazendo o diferencial em relação às obras fontes. Ao mesmo tempo em que não devemos esquecer do contexto sócio histórico cultural em que foi produzida ou até mesmo inserida ao público e a maneira de como a obra foi recepcionada é que vai confirmar seu nível de privilégio.

A leitura de uma adaptação literária nos proporciona uma experiência efêmera em que uma gama de recursos encontram-se amalgamados. As vinhetas, as cores, as onomatopeias, os traços são elementos significantes na ligação do verbal e não-verbal para compreensão da obra.

Ler quadrinhos é casar o verbal e o não verbal, é o que Paulo Ramos afirma: “ Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em aspecto verbal quanto visual( ou não verbal)” ( 2009,p.14), a leitura dos quadrinhos não está restrita a palavras ela abrange muitos outros aspectos daí então a explicação para seu caráter híbrido. Porém não há uma melhor que a outra, como afirma Vera Teixeira Aguiar:

Há entre elas uma relação de complementaridade, uma predominando sobre a outra, e não de exclusão e imposição absoluta de uma. Isso se dá porque não vivemos só a razão ou a emoção, como compartimentos estanques. Na literatura, as linguagens digital e analógica fundem-se uma vez que as palavras criam imagens que remetem a situações humanas globalizantes, possíveis de ser experimentadas por todos nós( AGUIAR, 2004, p.28).

Tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal, tem seu valor próprio e específico. Faz-se necessário desvencilhar dos paradoxos tradicionais em que a linguagem verbal é estigmatizada num grau de superioridade em relação a linguagem não-verbal. O fato de que essas duas linguagens estão em um mesmo panorama e que elas encontram-se imbricadas até mesmo no subconsciente do leitor, é reforçado quando as autoras do livro: *Palavra e imagem: leituras cruzadas*, expõe que:

A leitura é um processo associativo que promove a interação “ escrita e imagem” em diversos sentidos: a imagem propriamente dita; a que ilustra textos verbais; aquela construída pelo leitor quando lê, que tanto pode restringir-se ao momento real de produção de sentido,

como pode ser base de outras criações.( WALTY; FONSECA; CURY, 2006,p.7)

Assim, quando se lê a palavra, cria-se uma imagem do que está sendo lido. Já a leitura da imagem nos leva a verbaliza-las. Há também a leitura que se dá na junção desses dois tipos de linguagens, ou seja, uma complementa a outra, enfim é o caso dos quadrinhos.

Mas a leitura dos quadrinhos não é tão fácil, o que parece, mais especificamente as adaptações literárias. “Essas adaptações literárias não são simples instrumentos pedagógicos eficazes para o ensino da literatura e a formação do leitor” (PINA, 2012, p.60). Sua linguagem reúne o trabalho de roteiristas, coloristas que fazem um trabalho minucioso e o fruto desse é que nos permite fazer uma leitura diferenciada e que não tem nada de fácil.

Para Confortin,

Não é fácil ler e entender quadrinhos. A sua leitura pressupõe um ato complexo de abstração e de síntese por parte do leitor. É o leitor quem dá movimento e continuidade em sua imaginação, uma vez que os elementos que definem, compõem e integram-se nos quadrinhos são enquadramentos [...] que reforçam suas expressões. ( 1999, p.86)

Essa diversidade de recursos que compõe os quadrinhos é que permite comparar a obra fonte com a quadrinização. E foi na utilização desses que consegui perceber as semelhanças e também as disparidades entre a obra fonte de *Casa grande e Senzala* e sua versão quadrinizada.

*Casa grande e senzala* é uma obra canônica escrita pelo consagrado autor Gilberto Freyre. Falar dessa obra é referir-se a uma obra de cunho antropológico, sociológico, histórico e literário, pois ela na verdade é resultado desse amalgamado de áreas. Obra que representa a formação da sociedade agrária escravocrata e híbrida, pois foi constituída no entrecruzamento dos três grupos étnicos formadores do povo brasileiro: o indígena, o europeu e o africano.

Gilberto Freyre, de uma forma minuciosa descreve o processo de miscigenação e o caracteriza como: “[...] o processo pelo qual os portugueses

compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas.” (FREYRE,1983,p.12). Foi em decorrência dessa estratégia que os matagais, as redes (que enfeitavam as rústicas Casas Grandes) tornaram-se ambientes favoráveis à reprodução do sistema escravagista, resultado das ações dos colonizadores.

O interessante é que Gilberto Freyre por meio das palavras consegue nos conduzir a criar imagens do que está sendo lido, a intensidade e a cautela que ele descreve os objetos, as cenas permitem ao nosso imaginário uma visualização efêmera de situações vividas há muito tempo atrás.

Diante do pressuposto, *Casa grande e senzala* teve sua versão quadrinizada e publicada em 1981 pelo antropólogo e historiador Estêvão Pinto. Vale ressaltar que sua primeira publicação foi feita em preto e branco e somente em 2000 no centenário de Gilberto Freyre a quadrinização ganhou cores.

Para quem conhece a obra fonte, é notório a fidedignidade com que Estêvão Pinto tenta manter o mais próximo possível o texto original. É claro que ele não conseguiu reproduzir tal como estava no livro e se ele fizesse isso, a adaptação perderia a sua essência. Isso nos leva a pensar no que Paulo Ramos diz: “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (2009, p.17), ela por si só dá conta de transmitir a mensagem, é claro que surgirão as várias interpretações, mas o que na verdade importa é a leitura.

A imaginação e os horizontes de expectativas é que dão subsídios para que o leitor produza sentido a partir de suas pertencas culturais.

Visto que todo texto é histórico, cultural e está inserido em um espaço ou lugar que podem ser distintos da realidade do leitor. Neste caso o conhecimento prévio e a mediação são fatores imprescindíveis no ato da leitura principalmente quando se refere ao texto literário.

O grande problema que ocorre na escola é que na maioria delas, há uma preocupação de somente fornecer a obra para o aluno, entretanto em um curto período de pesquisa pude constatar que ter a obra em mãos não é a maneira eficiente para se formar um leitor de literatura. Sobre aperfeiçoamento desse leitor e as relações que ele deve estabelecer diante um texto literário, Patrícia Pina expõe que:

No caso literário, a percepção é ainda mais irrefletida: considera-se ainda, que alguns indivíduos nascem com o dom da leitura literária, outros, pobres mortais, não são agraciados dessa forma. No entanto, para ler literatura, o indivíduo precisa aprender as marcas do discurso literário, precisa aprender a relacionar literatura e vida.( 2012,p.36)

Para além de tudo isso, o mediador além de ser um leitor tem que dominar técnicas da linguagem literária e o melhor de tudo relaciona-la a vida. Suscitando questionamentos, inquietando e por meio destes leva-lo a encontrar respostas no lúdico, no imaginário.

### **Referências:**

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CONFORTINI, Helena. *Leitura do Humor na Mídia*. BARZOTTO, Valdir Heitor e GHILARDI, Maria Inês (orgs). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de leitura do Brasil, 1999. 81-101.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 22<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro:Livraria José Olympio editora, 1983.
- PINTO, Estevão; RODRIGUES, Ivan Wash. *Casa grande e senzala em quadrinhos*. São Paulo: Global, 2005.
- McCLOUD, Scott. *Desenhando quadrinhos*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2008.
- PINA, Patrícia Katia da Costa. *Literatura Em Quadrinhos: Arte E Leitura Hoje*. Curitiba: Appris, 2012.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos Quadrinhos*.São Paulo: Contexto, 2009.
- WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs). *Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

ZENI, Lielson. Literatura em Quadrinhos. In.: VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009b. p.127-165.

---

<sup>1</sup>Bolsista IC fomentada pela FAPESB, graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, VII semestre na Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Departamento de Ciências Humanas - DCH; Campus VI – Caetitê, Bahia; Integrante do Grupo de Pesquisa Leitura, Cultura e Formação Docente (GPLEC).E-mail: [rayy.lene@hotmail.com](mailto:rayy.lene@hotmail.com) .